Com Valores da Amazônia, extrativistas ampliam produção e ganhos sem destruir a floresta

Os três anos de trabalhos desenvolvidos pela ONG SOS Amazônia, por meio do projeto Valores da Amazônia, com famílias extrativistas do Vale do Juruá, no Acre, e dos municípios do sul e sudoeste do Amazonas, podem servir como exemplos de consolidação da tese de que é possível gerar desenvolvimento econômico, sem a necessidade de transformar a floresta em pasto ou em áreas de monocultura.

Atividades extrativistas que há quase três décadas estavam abandonadas nessa parte da Amazônia, em especial a extração do látex, foram retomadas, e hoje se somam à gama de produtos não madeireiros explorados de forma sustentável por comunidades ribeirinhas e indígenas.

Financiado pelo Fundo Amazônia, o Valores trabalhou com três diferentes cadeias econômicas: a de óleos vegetais, a do cacau silvestre e a da borracha. O projeto visa fortalecer nove cooperativas e seus cooperados para aperfeiçoarem e padronizarem a exploração de produtos florestais não-madeireiros.

Destas nove cooperativas, apenas duas trabalhavam com a borracha em 2015: a Cooperativa Agroextrativista de Tarauacá (Caet) e a Cooperativa Agroextrativista de Feijó (Cooperafe), ambas no Acre.

Juntas, a produção chegava a, no máximo, oito toneladas por ano. Nesse período, a SOS Amazônia trabalhou tanto para incrementar o número de cooperativas envolvidas quando o de extrativistas na cadeia da borracha. A Caet saiu de 28 para 73 famílias envolvidas, e a Cooperafe de 12 para 57.

Outras três cooperativas foram incluídas no processo: a Cooperativa dos Produtores de Agricultura Familiar e Economia Solidária de Nova Cintra (Coopercintra), de Rodrigues Alves (AC), a Cooperativa Agroextrativista de Porto Walter (Coapex) e a Cooperativa Agroextrativista Shawãdawa Pushuã; as duas estão no município acreano de Porto Walter, no Alto Juruá.

Extração da borracha

O resultado deste investimento foi um salto na quantidade da borracha comercializada, saindo de oito toneladas há três anos, para fechar 2018 com 40 toneladas previstas. Receita de aproximadamente R$ 351.000,00.

Até antes do começo do Valores da Amazônia, os extrativistas tinham na produção de óleos vegetais como seu carro-chefe. A produção de óleo e gordura a partir de frutos como o murmuru, o buriti, o açaí, a andiroba, o patauá e o tucumã envolvia 180 famílias em 2015, estando agora em mais de 600.

Os investimentos resultaram no aumento da produção de oleaginosas de oito para 22 toneladas em três anos. Foi registrado aumento até mesmo no valor de sua comercialização: Se em 2015 o mercado pagava R$ 17 pelo quilo da gordura do murmuru, esse valor chegou a R$ 30.

O buriti saltou de R$ 22 o quilo para R$ 50. "Ainda não é o valor ideal, mas já houve uma evolução significativa em relação ao preço comercializado", diz Adair Duarte, técnico da SOS Amazônia que acompanhou de perto, junto com as comunidades, o desenvolvimento do Valores da Amazônia.

Segundo ele, as causas para essa valorização se deram sobretudo nas ações de capacitar e qualificar os extrativistas com práticas adequadas no manejo dos frutos e sementes da floresta. A compra de equipamentos e a construção de estrutura básica para beneficiamento e armazenamento da

produção agroflorestal também foram incluídas.

Uma outra consequência foi a redução na perda dos frutos coletados. Se antes ela chegava a 20% por conta de manejo inadequado ou pragas naturais, agora ela caiu pela metade. O aumento no valor de mercado, mais esse incremento na produção, possibilitou melhoria na renda dos cooperados

De acordo com Adair Duarte, a perspectiva é que toda a produção de óleos e gorduras vegetais fique em 22 toneladas esse ano, o que renderá R$ 800 mil.

"Isso propicia uma geração de renda a mais para essas famílias, em períodos diferentes do ano, acaba fortalecendo todo o processo de produção e de organização social das famílias".

Os resultados positivos do projeto também são refletidos na cadeia do cacau silvestre. No começo de 2018 houve a coleta da primeira safra do fruto adotando as práticas do manejo apropriado e com garantia de valor e mercado com um grupo de extrativistas da Coopercintra. A depender da qualidade, o valor do quilo pode chegar a R$ 30. Em 2019 as famílias vão colher a segunda safra, estimada em duas toneladas – uma a mais do que 2018.

Além de preço e comprador já garantido, tanto o cacau quanto os óleos estão com certificação orgânica internacional para entrarem nos seletos mercados da Europa e dos Estados Unidos.